

## A liturgia é o Amor celebrado

Quando o Amor derramado é acolhido, a pessoa é possuída de amor. Nessa circunstância, a reação primeira é o desejo veemente de celebrar. É preciso tornar célebres aqueles eventos que provocam um estado de vida interior tão fascinante que não pode ser esquecido. É aí que reside o teor da festa. Quem celebra não esquece, e quem esqueceu deixa de celebrar. Por isso celebrar faz parte da natureza humana e festejar é tão necessário quanto respirar. Os eventos que pedem celebração são aqueles que tocam o sentido da vida e os valores afetivos mais profundos. Então celebrar segue a ordem dos afetos, pois o calor da vida está no mundo dos afetos, que, tocado por experiências marcantes, não pode senão produzir celebração. Por isso celebrar faz parte do movimento íntimo do ser, e quem não celebra compromete a expansão do próprio ser; vai se deixando esfriar por dentro até chegar à era do gelo, que faz lentamente o coração parar de bater. Mas não estamos na era do gelo; estamos na era do Amor.

Entre as celebrações mais importantes em toda cultura estão as celebrações sagradas, porque tocam no sentido último da vida. Porém as celebrações cristãs vão mais fundo ainda: elas dão continuidade à obra da salvação realizada pelo Amor encarnado. É por isso que a Constituição *Sacrosanctum Concilium*<sup>1</sup> (SC) sobre a Sagrada Liturgia, do Concílio Vaticano II, ressalta o vínculo entre as celebrações sacramentais da Igreja e a obra da salvação, mostrando que ãna liturgia a obra da nossa salvação se realizaö (SC 2)<sup>2</sup>, pois ãdia após dia, a liturgia vai nos transformando interiormente em templos santos do Senhor e morada espiritual de Deusö (SC 2). Também é notável que o primeiro capítulo inicie com o texto de 1Tm 2,4: *Deus quer todos os homens sejam salvos e alcancem o conhecimento da verdade*. Nesse processo as doações do Amor encarnado e do Amor derramado estão intimamente vinculadas à missão de salvar a humanidade, cuja situação é desesperadora, pois que se assemelha a banhistas se afogando no mar. É que *eros* convida ao mar, mas não ensina a nadar; instiga a amar, mas incentiva a explorar; promete experiências mágicas em alto mar,

---

<sup>1</sup> CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum sobre a sagrada Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 10ª edição, 2010. Para facilitar, usamos a sigla SC para citar o documento.

<sup>2</sup> ãTodas as vezes que celebramos este sacrifício, torna-se presente a nossa redençãoö: *MISSAL Romano*, 2º Domingo do Tempo Comum, Oração sobre as oferendas, p.346

mas deixar morrer na praia. O amor de Deus, ao contrário, leva para as águas mais profundas, depois de ter ensinado a nadar. Por isso a pesca do amor é sempre milagrosa.

É comum se encontrar nas grandes cidades cartazes e panfletos com anúncios mais ou menos assim: õfaz-se amarração do amor, por preços acessíveisö. Se tanta gente está ganhando a vida com isso, é sinal de que estamos numa sociedade afetivamente doente e extremamente carente de salvação; é muita gente se afogando no mar sem saber nadar. Se a maioria dos católicos acreditasse na força libertadora dos nossos ritos sagrados, as igrejas atuais não comportariam os que já foram batizados.

De tudo o que aprofundamos até agora, fica a pergunta: Se o Amor originário enviou o Amor encarnado e este nos doou o Amor derramado, que, por sua vez, nos liberta para amar, como se processa isso na vida das pessoas?

Em primeiro lugar, é preciso considerar que estamos falando de fé, portanto, do dom de crer e obedecer aos postulados que ultrapassam os limites da história e se situam no abismo do transcendente. É aqui que entram em cena os sacramentos da Igreja, ou seja, os sinais sensíveis sagrados que o próprio Amor encarnado nos legou para fazer memorial de sua Páscoa e nos dar acesso à salvação. O que Jesus fez de forma visível, agora é continuado pelos sacramentos da fé<sup>3</sup>, que têm na sua lógica a representatividade eficaz do próprio Amor encarnado. É o próprio Cristo que atua nos sacramentos da Igreja.

A reforma da liturgia promovida pelo Concílio Vaticano II foi uma luz que nunca mais se apagará, pois ajudou a compreender a liturgia a partir do seu vínculo teológico com a salvação que o Amor encarnado estabeleceu para renovar toda a criação. Portanto, celebrar a liturgia cristã é dar continuidade à salvação operada por Jesus. Só há um motivo por que fazemos dessa ou de outra maneira um rito sacramental: é porque a salvação está em jogo e a obediência ao Fundador faz parte desse jogo. Se não for nessa ótica, o cerimonial litúrgico perde todo significado. Se a salvação que o Amor encarnado trouxe à terra continua por meio da liturgia da Igreja, todos os esforços para celebrar bem, captando o sentido teológico de cada gesto e palavra e expressando-o da melhor forma possível, são dignos de nota, porque no mérito da liturgia está a felicidade dos que acreditam no Mistério. Celebrar bem não é uma virtude moral; é um imperativo da condição eclesial. O descaso na liturgia ou os abusos

---

<sup>3</sup> São Leão Magno, Papa e grande liturgista da época da Patrística, afirma que "tudo o que era visível do nosso Redentor passou para os sacramentos". *Sermo 2 De Ascensione*. Patrologia Latina (PL), 398.

na forma de celebrar constituem perdas inestimáveis para a vida da Igreja, porque afetam a salvação a que todo o povo de Deus tem direito. Talvez, tudo o que tenha acontecido em termos de abusos ou de celebrações mal feitas ou frias é resultado de falta de fé e desconhecimento do que realmente é a sagrada liturgia da nova Aliança. Quando se constata que uma assembleia litúrgica, que chega fragmentada e frágil, sai reconstruída e inteira, não há como não reconhecer um Pentecostes que define o divisor de águas entre o antes e o depois. É Pentecostes porque é ação divina carregada de eficácia sacramental, o que humanamente não aconteceria porque não se encontrariam forças para uma transformação tão visível em tão pouco tempo. É, portanto, efeito da graça, ação do Espírito. Prejudicar esse Pentecostes é pecado grave, porque o canal da graça, por causa de interferências humanas, terá sido obstruído.

Estamos vivendo um momento preocupante da vida da Igreja no tocante à liturgia. Esse momento foi agravado pela mídia, que acaba sendo parâmetro: o que aparece na TV é considerado modelo. A estrutura da Missa é muito simples, enxuta e clara: é Palavra celebrada e Pão e Vinho apresentados, consagrados e comungados. Uma introdução acolhedora e uma conclusão festiva de teor missionário compõem com esse coração vital; o que for além é enfeite, muitas vezes de mau gosto. Na cabeça de tantas pessoas há vários tipos de Missa: missa carismática, missa tradicional, missa comum, missa da libertação, missa libertadora, etc. Isso beira à heresia. O problema que está por trás é que o secundário ocupou o lugar do que deve estar no centro. Certa vez, falando ao vivo sobre a missa num programa de uma TV católica, o âncora, depois de ter apresentado algumas imagens de uma suposta missa, partiu da seguinte pergunta, que para ele era mais do que justa: explique os vários tipos de missa que existem. Primeiramente, em nenhuma daquelas imagens apareceram os elementos da Missa, como leitura, cálice, pão, vinho, oração eucarística, comunhão. O que apareceu foram padres com chapéu de boiadeiro, leigos tocando berrante, pessoas com trajés sertanejos dizendo: isto é verdadeiramente uma Missa. Pedi ao âncora que mostrasse apenas uma imagem em que aparecia algum elemento autêntico da Missa. Ele não soube responder. Então lhe disse que só há um tipo de Missa e que naquelas imagens não apareceu nenhum dos elementos que a constituem; só apareceu adendo totalmente desnecessário. Arrisco afirmar que, nesses casos, o Amor deixa de ser o foco e *eros* entra em cena, no ímpeto de fazer o homem aparecer, de valorizar uma cultura. O perigo é fazer da liturgia

folclore e ressuscitar o iluminismo com nova roupagem. Parece que o ato de fé continua sendo o desafio para todos os homens de todos os tempos.

O que pesa nessa questão é mais profundo; não é apenas desconhecimento e falta de formação: é falta de fé. Se não se acreditar que os sacramentos da Igreja carregam a força do Amor, eles são esvaziados da sua essência, e sempre se tentará preencher o vazio com apelativos humanos. O rito sacramental não foi criado por seres humanos e, portanto, não depende dos dotes humanos. Seu efeito provém do seu Fundador, cuja presença é mais do que suficiente para derramar o Amor e transformar a assembléia. O que as pessoas vivem numa Eucaristia bem celebrada e participada é o mesmo efeito que as multidões que lotavam a esplanada do Templo viram no dia de Pentecostes: viram homens e mulheres, encantados com o Mistério, produzindo uma comunicação tão fluente que alguns acharam que fosse efeito de *vinho doce*. Mas eles não falavam de qualquer coisa; falavam do Amor. Se cada ministro sagrado se ativesse ao rito com piedade e devoção, ele mesmo acreditando no Mistério e nele mergulhando com todo o seu ser, uma assembléia inteira, que geralmente vem disposta para o encontro com Deus, o acompanharia nesta viagem mística abissal. Nossos ritos sacramentais têm um poder que mil teses de ciências da religião não conseguirão analisar, porém, uma pessoa crente de fato pode experimentar em profusão e sempre terá uma palavra para expressar o milagre da liturgia.

Quem deixou a Igreja e trocou a sagrada liturgia por algo bom, mas incompleto, colocando somente na Palavra pregada toda a operatividade da salvação, nunca chegou a compreender o que se processa ao longo de uma celebração sacramental; nunca se deixou realmente inundar pelo Amor derramado, que liberta para amar. Com certeza, faltou uma adequada iniciação cristã na fé, que, em nossa condição histórica, vem sendo feita por meio dos sacramentos sem uma evangelização suficiente.<sup>4</sup> Nesse caso vigora a lei da oferta e da procura: quem não encontra algo essencial aqui, vai buscar ali. A questão se volta sobre a própria Igreja, que tem um tesouro, mas talvez não esteja conseguindo mostrá-lo às pessoas. Se há um clamor atual da Igreja católica, esse clamor se chama ãnova evangelizaãõö. Como tanto insiste o Documento de Aparecida, é

---

<sup>4</sup> A questão da iniciação cristã foi muito discutida na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, 13 a 31 de maio de 2007. Mereceu muito destaque no documento conclusivo (nº 282-294). Destaco a frase: ãOu educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadoraö: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Brasília/São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007, nº 287.

preciso migrar de uma Pastoral de manutenção para uma Pastoral organicamente missionária<sup>5</sup>. É preciso reencantar as pessoas com o mistério pascal e mostrar-lhes que a salvação é um projeto real no qual a liturgia desempenha um papel fundamental. É preciso mostrar como a liturgia da Igreja é um momento chave da nossa relação com Deus pela forma como aí ocorre a operatividade da nossa salvação como ocorreu, de forma visível, em Jerusalém no dia de Pentecostes.

Quando a Igreja celebra, é Cristo quem atua por meio dos sinais sacramentais e opera a mesma salvação que operou na Ceia e na Cruz. Aliás, é continuidade da sua obra por um caminho que ele mesmo constituiu. Portanto, a liturgia é o encontro sacramental com o Amor amado. Desse encontro resulta a doação do Amor derramado, que enche o nosso ser com o amor que nos liberta para amar. Daqui segue que celebrar a Eucaristia é preciso, mesmo sob o risco de morte, porque viver sem a Eucaristia não é possível, como diziam os primeiros cristãos<sup>6</sup>. Se o tecido eclesial se enfraqueceu porque a maioria dos cristãos não participa da Eucaristia e, talvez, nem batize mais os filhos, é preciso refazer a evangelização com um novo ardor missionário. Portanto, não se vive a vida cristã católica sem liturgia e, por outro lado, não se celebra a liturgia sem fé. E ainda, uma fé autêntica só se adquire por meio de uma iniciação cristã bem feita. Aí está a nossa fragilidade.

Somente uma iniciação na fé acompanhada de uma evangelização suficiente pode levar a pessoa a participar, em cada liturgia, do Pentecostes, como experiência pessoal de salvação. Ser possuído de amor é acolher o Amor derramado. É bem diferente de qualquer fenômeno puramente humano. Ser possuído de amor é um ato transcendente, um momento extático, pois o amor extasia, enquanto *eros* apaixona; o amor coloca em êxtase; *eros* em *passio* (sofrimento). Então é preciso escolher entre o êxtase do amor e o acoite da paixão.

Deus é amor, portanto, êxtase. Nossa vocação é participar do êxtase de Deus. A liturgia é o lugar ideal. Êxtase, amor e ser se conjugam, porque, o amor é o êxtase do ser. O amor ultrapassa toda feiúra da realidade e nos faz enxergar a beleza do ser. Por

---

<sup>5</sup> O papel da Paróquia e das pastorais também foi tema central da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, salientando o papel missionário muito acima das atividades que visam manter a Paróquia e seus féis. É a chamada *pastoral da manutenção*, da qual é preciso migrar para pastoral missionária.

<sup>6</sup> O caso mais famoso foi o dos Mártires da Abitina, cidade da África proconsular, onde, em 340, foram detidas umas cinquenta pessoas que participavam de uma reunião eucarística, presidida pelo sacerdote Saturnino. Segundo vários testemunhos, as pessoas não juraram nunca mais participar de tal reunião porque sem a Eucaristia não conseguiam viver.

trás de qualquer realidade existe o Criador, do qual a realidade é um vestígio. A liturgia ensina a buscar a Deus por meio das coisas criadas. Por isso, há quatro sustentáculos para se realizar uma liturgia bem feita: a beleza, a ordem, o amor e o êxtase. Se faltar um deles, o Amor não pode ser celebrado. Qualquer ministro litúrgico deve ser místico e poeta, senão não atua devidamente.

A beleza está na essência de Deus, que, sendo Amor, é a suprema simplicidade; a ordem é seu reflexo na criação. O amor é o ser de Deus e, ao mesmo tempo, o êxtase do ser. O princípio do êxtase está na expansão máxima que o amor provoca no ser. Por isso a busca de amor é quase uma obsessão humana. É aqui que *eros* mostrou o seu limite e sua necessidade de purificação: a expansão de *eros* é sempre limitada. Em algumas situações *eros* representa um gatilho contra si próprio e não um voo de liberdade.

Amor e beleza se encontram em Deus. O fato de o amor ser a simplicidade que mantém a unidade na multiplicidade, somente ele pode possibilitar aquela ordem que é fruto da unidade e evita a complexidade. Liturgia sem ordem é confusa e perde sua eficácia. Daí que a improvisação nunca é favorável à boa celebração.

Então beleza, ordem, amor e êxtase são critérios essenciais para a celebração da fé. Nesse sentido, a preparação, a execução e a avaliação litúrgicas devem ser feitas a partir desses critérios. O amor será sempre um código de unidade em todo o processo. Quando faltar amor, tudo perde vigência. Somente o amor permite que a celebração seja a expansão da salvação até o fim dos tempos.

Quando o sacramento do amor, isto é, a Eucaristia, for celebrado em todo o globo terrestre como o cume de cada semana e de cada dia, com o entusiasmo de quem aguarda o banquete no auge da festa, todos os batizados terão entendido o sentido eucarístico da vida cristã e estarão mergulhados realmente no Mistério. Enquanto isso não acontecer, a missão terá sua vertente para dentro (*ad intra*) e para fora (*ad extra*) da estrutura eclesial. A Igreja primitiva tinha a missão *ad extra* como foco da sua atuação no mundo, porque vivia sua vida eucarística de forma mais ou menos regular. O certo é que a constância da Eucaristia enquanto celebração dominical para todos os cristãos e celebração diária para grupos e pessoas que se propuserem a essa magnífica atualização do engajamento em Cristo, mostra o nível de engajamento no mistério pascal. A natureza da Eucaristia exige participação constante, senão o tecido eclesial se rompe facilmente porque a união pessoal com Cristo se esfacela diante da quantidade e da

péssima qualidade de estímulos contrários. Nunca os ventos foram tão contrários à fé, sobretudo, no mundo ocidentalizado, que proclamou sua independência da religião e até, certo ponto decretou o afastamento de Deus, por meio de um marketing muito bem feito. Enquanto a Igreja tiver liberdade religiosa, tem todo chão para se fazer presente e ajudar nas grandes questões que açoitam a humanidade. Como a liberdade religiosa faz parte do pensamento liberal ocidental, temos muita chance de atuação. É por isso que pululam a cada dia novas denominações religiosas com nomes mais estranhos, deixando-nos perplexos com sua forma de atuação claramente voltada à arrecadação de dinheiro usado sem escrúpulo em prol do enriquecimento dos seus protagonistas. Aliás, encontram uma justificativa teológica fácil para isso na teologia da prosperidade. Assim a religião perde a racionalidade. Que vazio é esse que a fé católica e as denominações sérias do protestantismo histórico não conseguem preencher? O que é essa Pós-Modernidade na qual vale tudo e predomina o nada? São questões colocadas sem o propósito de dar resposta que esgote o problema. Contudo, uma resposta já vem muito facilmente. Parece uma grande falta de amor. Liberdade sem amor é uma arma engatilhada contra o homem. O deus da prosperidade apregoado por muitas lideranças religiosas nem humano é, quanto mais divino, pois não tem o menor sentimento ao usurpar dos pobres o pouco que têm, para colocar nos bolsos dos líderes dessas igrejas.

Por outro lado, o fundamentalismo campeia nas culturas teocráticas não ocidentais, colocando a razão no cativeiro das trevas. Para nós católicos, esse momento é o momento da Eucaristia e da missão. Uma coisa está ligada à outra. Para a liturgia, a participação constante na Eucaristia é uma graça, da qual nunca devemos abrir mão:

*Concedei-nos, ó Deus, a graça  
de participarmos constantemente da Eucaristia,  
pois todas a vezes que celebramos este sacrifício  
torna-se presente a nossa redenção.<sup>7</sup>*

Pe. Valeriano dos Santos Costa

Do livro, no prelo para publicação: *O amor de Deus: teologia da redenção*. São Paulo: Palavra e Prece, Páscoa de 2012.

---

<sup>7</sup> *MISSAL Romano*, Segundo domingo do Tempo Comum, oração sobre as oferendas, p. 346.